



**TRAJETÓRIAS DA IDENTIDADE: UM EXAME DAS MEMÓRIAS E REFLEXÕES
EM JOÃO NERY E “UMA MULHER DIFERENTE” DE CASSANDRA RIOS**
*TRAJECTORIES OF IDENTITY: AN EXAMINATION OF MEMORIES AND REFLECTIONS IN
JOÃO NERY AND “UMA MULHER DIFERENTE” BY CASSANDRA RIOS*

Saulo da Silva Lucena¹  

RESUMO: Este artigo tem como objetivo central realizar uma análise das trajetórias das identidades presentes nas obras "Uma mulher diferente" (2005), cuja reedição ocorreu após sua publicação original em 1965, e na autobiografia intitulada "Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois" (2011). Inicialmente, será realizado um resgate da memória LGBTQIAP+ na América Latina, discutindo tanto o que foi registrado pela memória oficial quanto o enfrentamento da memória subterrânea contra o discurso patologizante e negativo associado à imagem gay, especialmente no contexto brasileiro. Serão utilizados os seguintes teóricos: para abordar a memória, serão empregadas as perspectivas de Pollak (1989) e Adorno (1995); para compreender o constructo corporal travesti, serão utilizadas as contribuições de Kulick (2008); para examinar o corpo transmasculino, serão consideradas as análises de Eduardo Maranhão (2014) e Preciado (2007); e para contextualizar os corpos gays durante a ditadura militar, será feita referência ao trabalho de Quinalha (2021). Como resultado da análise, identificou-se o percurso de construção desses corpos em uma sociedade cisheteronormativa, especialmente em meio a uma ditadura civil-militar, destacando as técnicas necessárias para alcançar a passabilidade, os desafios de enfrentar a rejeição familiar, o preconceito, a estigmatização como pessoas anormais e a remoção da classificação no CID que os enquadrava como doentes.

Palavras-chave: Memória; América Latina. Ditadura civil-militar; LGBTQIAP+

ABSTRACT: This article's central objective is to analyze the trajectories of identities present in the works "Uma mulher diferente" (2005), whose reissue occurred after its original publication in 1965, and in the autobiography entitled "Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois" (2011). Initially, a rescue of LGBTQIAP+ memory in Latin America will be carried out, discussing both what was recorded by official memory and the confrontation of underground memory against the pathologizing and negative discourse associated with the gay image, especially in the Brazilian context. The following theorists will be used: to approach memory, the perspectives of Pollak (1989) and Adorno (1995) will be used; to understand the transvestite body construct, the contributions of Kulick (2008) will be used; to examine the transmasculine body, the analyzes by Eduardo Maranhão (2014) and Preciado (2007) will be considered; and to contextualize gay bodies during the military dictatorship, reference will be made to the work of Quinalha (2021). As a result of the analysis, the path of construction of these bodies in a cisheteronormative society was identified, especially in the midst of a civil-military dictatorship, highlighting the techniques necessary to achieve passability, the challenges of facing family rejection, prejudice, stigmatization as abnormal people and the removal of the CID classification that classified them as sick.

Keywords: Memory. Latin America. Civil-military dictatorship. LGBTQIAP+

¹ Doutorando em Letras (PPGL/UFPA). Mestre em Letras (UFMA). E-mail: saulolucena2013@gmail.com

Introdução

A memória gay precisa ser resgatada e sempre lembrada, para conscientizar gerações futuras sobre o quanto o passado foi importante na construção de sua identidade na contemporaneidade. Com isso, precisamos exaltar esses sujeitos que foram marginalizados por uma sociedade cisheteropatriarcal, onde ser diferente significava uma transgressão, até mesmo uma afronta. Logo, faz-se necessário até os dias atuais combater a desinformação, o preconceito e a LGBTfobia impregnada em todos os setores sociais: nas escolas, empresas, departamentos públicos, entre outros ambientes que esses sujeitos frequentam, para que possam circular livremente. Para que o discurso contra essas pessoas mude na sociedade, deve-se combater o esquecimento e trazer à tona um pretérito de dor e morte pelo qual a comunidade LGBT passou na América Latina no período ditatorial civil-militar.

A ditadura civil-militar em países latinos como Brasil, Argentina, Chile entre outros tentaram a todo modo silenciar esses sujeitos através da limpeza moral que consistia em afastar travestis, gays e lésbicas dos grandes centros urbanos onde a maioria eram presos e por vezes assassinados. A crueldade contra os gays nesse período sombrio onde o objetivo era eliminar da face da terra todos aqueles que iam contra a moral e os bons costumes pregados pelos censores e também pela sociedade conservadora. Durante a segunda metade do século XX, a comunidade gay iria sofrer grandes repressões, pois o Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai iniciava os golpes de Estado e o estabelecimento de ditaduras militares quase em rápida sucessão. Esses eventos ocorreram em diferentes momentos: em 1954 no Paraguai; em 1964 na Bolívia e no Brasil; em 1973 no Chile e no Uruguai; e em 1976 na Argentina.

No enfrentamento contra a censura surgia grandes heróis que iniciaria o combate por meio de seus escritos como o argentino Manuel Puig Depois que "The Buenos Aires affair" foi publicado, Manuel Puig recebeu ameaças de morte da Aliança Anticomunista Argentina, um grupo paramilitar da extrema-direita peronista que foi responsável por mais de 700 assassinatos. Sentindo-se acuado e desanimado, Puig optou por se exilar no México. Ele nunca mais retornaria à Argentina. Outro grande ativista era o chileno Pedro Lemebel que foi um ícone de resistência à ditadura militar e à dissidência sexual no Chile, ele utilizou sua vida e sua escrita para desafiar e enfrentar o poder estabelecido, sobretudo preservar a memória. Lemebel confrontou a tirania de Augusto Pinochet, o academicismo, os valores conservadores e o sistema capitalista, emergindo como uma voz essencial da contracultura latino-americana a partir dos anos 1980.

Em contexto de Brasil, tínhamos João Silvério Trevisan, que durante a ditadura militar no Brasil, atuou como ativista gay. Porém, devido à repressão imposta pela ditadura, foi forçado a sair do país e se mudou para o México e posteriormente para Berkeley, na Califórnia, onde residiu temporariamente. Vale lembrar que Trevisan esteve bastante envolvidos na luta pela legalização da homossexualidade no Brasil, um marco que só foi alcançado em 1985, devido a uma determinação do Supremo Tribunal Federal. Outro herói dessa época que se destaca é o colombiano Leon Zuleta que foi o pioneiro do movimento LGBT em seu país, deixando um legado de militância e de engajamento comunitário. A contribuição de Zuleta foi particularmente crucial em uma época caracterizada por pressões morais e conservadoras, quando o armário parecia ser o local designado para aqueles que assumiam uma orientação sexual distinta da norma estabelecida.

Nesse sentido, o objetivo central realizar uma análise das trajetórias das identidades presentes nas obras "Uma mulher diferente" (2005), cuja reedição ocorreu após sua publicação original em 1965, e na autobiografia intitulada "Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois" (2011). Inicialmente, será realizado um resgate da memória LGBTQIAP+ na América Latina, discutindo tanto o que foi registrado pela memória oficial quanto o enfrentamento da memória subterrânea contra o discurso patologizante e negativo associado à imagem gay, especialmente no contexto brasileiro. Serão utilizados os seguintes teóricos: para abordar a memória, serão empregadas as perspectivas de Pollak (1989) e Adorno (1995); para compreender o constructo corporal travesti, serão utilizadas as contribuições de Kulick (2008); para examinar o corpo transmasculino, serão consideradas as análises de Eduardo Maranhão (2014) e Preciado (2007); e para contextualizar os corpos gays durante a ditadura militar, será feita referência ao trabalho de Quinalha (2021).

Na primeira seção do artigo será feito um levantamento dos principais grupos gays e ativistas que lutaram contra o apagamento da memória gay em seus países de origem, onde alguns desses heróis tiveram que se exilar em outros países para escapar da morte. Na segunda seção será feito uma análise de duas obras, a primeira, uma obra da autora Cassandra Rios que traz como personagem protagonista Ana Maria que é assassinada com um golpe na cabeça em pleno período ditatorial civil-militar e o segundo personagem trata-se de uma autobiografia em que João Nery narra suas dores quanto a busca de sua identidade masculina também no contexto ditatorial.

Por fim, a análise buscará evidenciar árduo processo de construção das identidades LGBTQIAP+ em um contexto social profundamente cisheteronormativo, agravado pela presença de uma ditadura civil-militar. Neste percurso investigativo, será percebido que alcançar a passabilidade demandará habilidades específicas acompanhado da dolorosa rejeição familiar, o preconceito

arraigado na sociedade, e a cruel estigmatização como indivíduos anormais. Além disso, a retirada da classificação no CID, que os classificavam como doentes representa uma conquista na luta pela despatologização das identidades não normativas. Logo, buscará sublinhar a complexidade das experiências vividas pelos sujeitos LGBTQIAP+ na América Latina.

Uma análise dos lugares de memória LGBTQIAP+ na paisagem Latino-Americana

Há um apagamento da memória gay na América Latina estabelecida bem antes do período ditatorial, porém, com o advento dos golpes civil-militares, tinha-se pressa em sumir com todos aqueles que ia contra o padrão cisheteronormativo. O conservadorismo ferrenho pregado pelos ditadores da “moral e os bons costumes” vitimizou esses sujeitos colocando-os a margem da sociedade, excluindo-os de todas as formas de participação na sociedade. Então, quando se fala em “ditadura civil-militar” estamos de falando de assassinatos, desaparecimentos, repressões, prisões, perseguições, exílios, torturas entre outras dores que essa cena sombria causou, não só no Brasil, como também outros países latinos. Dessa forma, o autoritarismo pregado culminou em uma espécie de “limpeza moral” segundo Quinalha (2021) consistia em tirar os homossexuais das ruas de forma violenta, o alvo principal desse ato moralizante era as travestis que eram levadas a cabo pelas forças policiais.

Nesse contexto, o Estado pregou um discurso negativado da comunidade gay durante a ditadura que segundo Pollack (ano) criou-se uma “memória oficial”, ou seja, uma “memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente” (Pollak, 1989, p. 5). E essa memória que foi colocada ao silenciamento, Pollak (1989) denomina de “memória subterrânea” que é verdadeira história de sofrimento da comunidade gay nesse período. Logo, coexiste duas vertentes memorialística, aquela pregada pelo Estado de que o gay é um doente, anormal, um ser abjeto e há a real memória coletiva desse sujeitos que tentam submergir e se fazerem vistos como pessoas normais e de direito, pois a LGBTfobia existente hoje é fruto de uma memória nacional construída pelos ditadores na tentativa de subalternizar e marginalizar aqueles que não se enquadravam na binariedade homem/mulher, que possuía uma identidade dissidente e logo eram rejeitados.

Assim, a principal mola propulsora que ocasionou essa disputa entre memórias advém do surgimento da “imprensa marrom” como afirma Quinalha (2021) ela foi uma das grandes responsáveis pela imagem subalternizada dos gays que sempre usava expressões sensacionalistas, as

reportagens sempre sobrecarregadas de visões estereotipadas e estigmatizantes. Normalmente os homossexuais, sobretudo, as travestis eram sempre relacionados à criminalidade e isso fez com que criasse no imaginário social uma imagem subversiva do homossexual, sendo vistos como pessoas criminosas, ou seja, tudo corroborava para o aumento do preconceito e contribuía para que os órgãos repressivos enquadrasse cada vez mais essas pessoas no crime de vadiagem, como ressalta Quinalha (2021) as normas sobre a preservação da moral sempre estiveram vigentes, porém, com o advento da ditadura, as rondas e batidas policiais acontecia em uma escala maior e com mais intensidade.

Nesse combate contra “memória oficial” da comunidade gay, surge a “memória subterrânea” como oposição daquilo que foi pregado como verdade pelo Estado sobre um grupo minoritário que Pollak (1989) classifica também de memória “clandestina”. Na contramão da “imprensa marrom” surge a “imprensa gay” com diversos jornais que traziam em suas páginas textos informativos sobre a comunidade gay e para a comunidade gay, com alertas de crimes e de entretenimentos, mas, o principal objetivo era de desconstruir a imagem repulsiva e patologizante que fora criada de forma sensacionalista. Nesse período de 1960 a 1980 surge uma grande quantidade de jornais gay como: Snob, Le Femme, Subúrbio à Noite, Gente Gay, Aliança de Ativistas Homossexuais, Eros, La Saison, O Centauro, O Vic, O Grupo, Darling, Gay Press Magazin, 20 de Abril, e O Centro; Os Felinos, Opinião, O Mito; o Le Sophistique, O Gay e O Gay Society, O Tiraninho, Fatos e fofocas, Baby Zéfiro, Little Darling, Lampião da Esquina e Ello. Porém, o jornal Lampião da Esquina foi o de maior circulação nas décadas de 1970 e 1980, criado por um grupo de intelectuais gays, entre os quais Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Darcy Penteadó, Gasparino Damata, João Silvério Trevisan, entre outros.

Nesse sentido, o jornal gay que mais circulou no Brasil no período ditatorial foi o Lampião da Esquina que trazia em suas colunas reportagens como na edição de número 9 de fevereiro de 1979 que traz em sua capa a seguinte pergunta “Moral e bons costumes?” na coluna intitulada “Reportagem” que tem o seguinte tema “A difícil batalha dos censores contra a realidade” e subtítulo “Para o Brasil do ano 2.000, os “bons costumes” do século XIX” discute a perseguição dos censores ao jornal o qual está enquadrado na Lei de Imprensa e se defende “LAMPIÃO, como informou desde o começo ao seus leitores, é um jornal de minorias, que se dispõe, ao mesmo tempo, a levantar uma questão raramente discutida em outros órgãos da imprensa: a necessidade de assumir o prazer como um dos direitos fundamentais do homem” (Lampião da Esquina, 1979, p. 5). Dessa forma, jornais como esse foram fundamentais para o resgate da memória LGBTQIAP+ e fez com que se construísse, como bem fala Pollak (1989) uma “memória proibida” em meio a uma dominação hegemônica.

Para além disso, através do jornal gay “Lampião da Esquina” surge em 1978 o primeiro grupo gay do Brasil intitulado SOMOS, o grupo redigiu uma carta aberta à imprensa em repúdio à maneira depreciativa com que a televisão retratava as diversas orientações sexuais, dando início ao movimento organizado politicamente composto exclusivamente por homossexuais. A realização de reuniões periódicas e intervenções contribuiu para que o grupo ganhasse reconhecimento. Desse modo, segundo Quinalha (2021) o nome do grupo foi um tributo às “locas” argentinas que fundaram o primeiro grupo gay na América Latina, o Nuestro Mundo, em 1967. A partir desse momento, o nome oficial tornou-se “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual”, optando-se por evitar o termo “gay” por considerá-lo excessivamente influenciado pela cultura americana.

Nesse percurso do ativismo e resistência na América Latina, na Argentina surge os grupos gays que vão para linha de frente em busca de visibilidade e um dos primeiros grupos fundados na América Latina é o “Nuestro Mundo” em 1967 na Argentina na capital Buenos Aires durante a ditadura civil-militar do general Juan Carlos Onganía. O fundador do grupo fazia parte do Partido Comunista e por ser gay, foi expulso e os demais ativistas faziam parte do sindicato dos trabalhadores, tanto que o grupo nasceu em um bairro do subúrbio onde morava operários que se chamava Gerli e sua principal atividade era disparar diversos boletins mimeografados pela imprensa promovendo a libertação gay no país. Desse modo, tudo leva a crer que os grupos que surgiram em meados de 70 a 80 tinha como líderes fundadores membros de partidos comunistas e por vezes derivados de outras concepções esquerdistas e as revoltas estudantis também impulsionaram a geração de novos protestos em busca de seus direitos.

Ainda na Argentina nasce em 1971 um importante grupo atizado pelo simbolismo da esquerda, o “Frente de Libertación Homossexual de la Argentina” composto por membros do movimento deslocaram-se para o setor de esquerda do movimento peronista, em uma iniciativa anti-imperialista em prol da libertação nacional e da justiça social. Este período foi marcado por uma intensa politização, no qual mobilizações populares de base resultaram na queda do governo militar, abrindo caminho para o retorno de Perón à presidência após um exílio de dezoito anos. A escolha do nome de sua nova coalizão, Frente de Libertación Homossexual da Argentina (FLH), demonstrava como muitos desses ativistas estavam envolvidos no debate político nacional. A ala peronista, organizações guerrilheiras pró-Castro e o Partido Comunista Argentino desenvolviam suas narrativas políticas no contexto da luta pela libertação do país da dominação imperialista.

Vale relembrar um episódio, antes da Copa do Mundo que foi sediada na Argentina de 1978, planejava-se uma “campanha de limpeza” liderada pela Brigada da Moralidade da Polícia Federal,

visando a afastar os homossexuais das ruas para não incomodar "gente decente". Segundo Jauregui (1987) clubes e bares gays funcionavam através de subornos que eram pagos a polícia repressiva, porém, não dava para pagar propina para todo ao aparato da instituição, além do mais, havia rivalidade entre os grupos policiais e a campanha da moralidade acontecia de qualquer modo. Com isso, Jauregui (1978, p. 157) complementa que “Esta “guerra sucia” contra la perversión se complemento con la prohibición de toda mención oral y escrita del tema”. Logo, apenas o autorizado permanece no tempo, nesse caso, são memórias individuais que se incorporado a memória coletiva de alguma forma um dia ganharia visibilidade, porém, “os enquadreadores de uma memória coletiva em um nível mais global se esforçavam por minimizar ou eliminar” (Pollak, 1989, p. 12).

Na Colômbia surge em 1970 o “Movimento de Libertação Homossexual” que tem León Zuleta como um dos fundadores reconhecido nacionalmente. O grupo atuou em meio a ditadura Peronista e mesmo nesse contexto ainda repressivo, o MLHC estabeleceu-se inicialmente como um espaço destinado à organização dos homossexuais em prol da revolução sexual e social. Progressivamente, expandiu-se para incorporar uma ampla esfera política centrada na noção de libertação homossexual. E três momento marca a atuação desse grupo ativista: o primeiro momento estava mais radical e alinhado à esquerda, com o ativismo de León Zuleta e às concepções de revolução social, no segundo momento, entre 1980 e 1984, defendia-se a ideia de emancipação como equivalente à dignidade e orbitava em torno da revista *Ventana Gay*, com distribuição nacional e no terceiro momento, entre 1985 e 1989, confrontando a epidemia de AIDS e o crescente risco de limpeza social.

A coalizão desses grupos, em sintonia com a busca por mudanças sociais e políticas na América Latina dominada por ditaduras na época, possibilitou uma aproximação dessas organizações com outras que compartilhavam a linguagem, simbolismo e ideologias de esquerda. Durante os protestos, surgiu no México, o grupo gay "Frente Homossexual de Ação Revolucionária" (FHAR), fundado em 26 de julho de 1978, logo após a primeira marcha LGBT, associada ao apoio à Revolução Cubana, com a participação de cerca de trinta pessoas. O movimento LGBT no México estava em sua fase inicial, estreitamente ligado aos movimentos alinhados com o contexto político de esquerda. No final de junho de 1979, ocorreu a primeira manifestação em defesa dos direitos dos homossexuais, coincidindo com o aniversário da Rebelião de Stonewall. A FHAR adotou como estratégia de atuação o apoio a grupos considerados marginalizados no México, como pessoas travestis e transexuais, além da população carcerária, frequentemente referida pejorativamente como "mayates" e "chacales" na época, devido à sua afinidade com organizações de ideologias de esquerda. A coalizão desses grupos,

em sintonia com a busca por mudanças sociais e políticas em uma América Latina dominada por ditaduras na época, possibilitou uma aproximação dessas organizações com outras que compartilhavam as mesmas agruras e tornaram-se instrumentos na luta contra o esquecimento de um passado tenebroso.

De acordo com Adorno (1995, p. 48) “Elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua autoconsciência e, por esta via, também o seu eu”. Logo, se faz necessário trazer para superfície elementos de reflexão que permitam às novas gerações entenderem o passado como parte intrínseca de sua própria experiência de vida, independentemente da época, empenhar-se para evitar a ocultação de sua história, resistindo ao esquecimento e à distorção.

Vale destacar aqueles que figuraram como heróis contra o esquecimento e a luta contra a invisibilidade em um período de obscuridade para a comunidade LGBTQ+ em alguns países da América Latina. Na Argentina tinha Manuel Puig que após o lançamento de *The Buenos Aires affair*, enfrentou intimidações de morte por parte da Aliança Anticomunista Argentina, uma milícia de extrema-direita associada ao peronismo, que foi responsável por mais de 700 homicídios. Sentindo-se ameaçado e debilitado, Puig optou pelo exílio no México. Ele nunca mais retornaria à Argentina.

No Chile, Pedro Lemebel, ícone da oposição à ditadura militar e da dissidência sexual no Chile, ele empregou sua vida e sua escrita para desafiar e confrontar o poder estabelecido, a ditadura de Augusto Pinochet, o elitismo literário, as normas sociais tradicionais e o sistema capitalista, emergindo como uma voz indispensável da contracultura latino-americana a partir dos anos 1980.

Na Colômbia, Leon Zuleta foi pioneiro do movimento LGBTQ+ na Colômbia, deixando um legado significativo de ativismo e engajamento social. Seu papel foi especialmente crucial durante um período permeado por tensões morais e conservadoras, quando o "armário" era visto como o único lugar seguro para aqueles que assumiam uma orientação sexual fora da norma estabelecida.

Já no Brasil, devido à repressão imposta pela ditadura civil-militar, João Silvério Trevisan emigrou para o México e, um ano depois, seguiu para Berkeley, na Califórnia, onde residiu por dois anos e se declarou politicamente como anarquista. Retornou ao Brasil em 1974 e, inspirado por novas formas de luta e convivência, envolveu-se ativamente como ativista LGBT. Em 1978, foi um dos fundadores do jornal *Lampião da Esquina*, o primeiro periódico gay do país. Sendo assim, é possível pensar a construção das memórias desse grupo que compartilharam os mesmos marcos memoriais, mesmo que individualmente cada à sua maneira, porém, em um mesmo contexto comum que se

relacionavam-se às experiências de vida e trajetórias e assim, formavam-se uma “comunidade afetiva” (Pollak, 1989, p. 4).

Percurso da identidade gay em João Nery e Cassandra Rios

Uma trajetória de construção identitária perpassada por dores e autoaceitação de um corpo que não condiz com a psique. Desse modo, buscará analisar dois personagens, um da vida real, João Nery, o primeiro homem trans do Brasil e uma personagem da ficção, Ana Maria, uma travesti que tem todos os trejeitos femininos, uma obra da autora paulistana, Cassandra Rios. O primeiro trata-se de uma autobiografia, onde João narra a descoberta da sua sexualidade da infância a vida adulta, aceitação da família, cirurgia de mastectomia e a aceitação na sociedade. Quanto a Ana Maria, Cassandra Rios traz uma personagem que possui passabilidade feminina, que faz uso de hormônios, com seios naturais, fala sobre aceitação familiar e violência na rua. Ambas as narrativas tem como tempo histórico o período ditatorial civil-militar do Brasil, onde é possível observar o contexto da violência homofóbica e repressão aos corpos dissidentes.

Passabilidade

Adquirir a condição de “passar por” envolve uma série de ações padronizadas e repetidas que garantirá uma representação significativa de gênero pautado em uma estrutura heterossexual e cisgênero, havendo um monitoramento por parte desses sujeitos das fronteiras entre o masculino e feminino para eliminar qualquer indício ambíguo que de alguma maneira revele a o trânsito de gênero como se pode observar em João Nery “Fiquei surpreso ao constatar que ninguém na rua me olhava! Deduzi que, se me aperfeiçoasse mais nos caracteres masculinos, passaria completamente despercebido. (...) Finalmente vivenciava, no nível da realidade, meu verdadeiro gênero. (Nery, 2011, p. 76).

Dessa forma, João consegue andar na rua sem ser percebido como uma mulher, ou seja, a passabilidade foi alcançada e isso é um grito de liberdade depois de tanto sofrimento na produção dessa corporalidade. Para alcançar esse feito, ele desenvolveu em si o comportamento social masculina “gesticulação, hábitos, cacoetes, maneirismos. Andar com a mão direita metida na abertura da camisa, na altura do peito, era um gesto descompromissado e bem característico da conduta dos

homens. Servia-me como um dissimulador. (Nery, 2011, p. 77). Assim, Nery poderá andar tranquilamente pelas ruas sem tanto temer ao preconceito.

Nesse mesmo contexto, a travesti Ana Maria também é descrita na narrativa como uma verdadeira mulher, que seduz a todos e se passa perfeitamente pelo sexo feminino sem levantar suspeitas “Era bela! Muito bela! Enganadora! Um caso de tirar o chapéu e indagar sobre os mistérios da natureza humana, capaz de extraordinárias coisas e de artifícios fenomenais. (Rios, 2005, p. 21). Ela, em uma apresentação na boate Escaravelho, é julgado por alguns homens que lhe assistia de longe, chamando-a de enganadora, por ser uma travesti que jamais levantara suspeitas de algum dia ter sido um homem, pois era dotada de um corpo extremamente sedutor e que onde chegava chamava atenção de todos por sua beleza. Essa técnica de “passar por”, Benedetti usa o termo inglês “passing”:

O passing é uma importante fonte de debate e preocupação cotidiana entre as travestis, especialmente as mais jovens e ainda iniciantes. Analisam em si e nas outras monas o gestual, o modo de falar e de se relacionar social e sexualmente como índices e signos de um processo de transformação mais ou menos eficaz. Passar por mulher é um objetivo de todas as travestis. (Benedetti, 2005, p. 104)

A experiência do “passing” que significa a técnica da passabilidade se constitui através dos elementos de vestimentas, acessórios do gênero que se pretende passar, a voz, no caso quando masculino molda a voz num estilo falsete para feminilizar a fala e não são exclusivamente performances, mas também “transformações corporais físicas, sexuais, sociais e políticas que ocorrem não no palco, mas no espaço público” (Preciado, 2007, p.53).

Seios

Em ambos os corpos trans, os seios constituem para um, problema e para o outro uma solução. Para personagem Ana Maria os seios era um desejo, com a ingestão constante de hormônios como se percebe no fragmento a seguir, ela possuía pequenos seios “O que conseguiu apenas foi soerguer um pouco as mãos até os seios dela e senti-los muito pequenos, como os de uma garota de 14 anos, magra, mais menina que mulher.” (Rios, 2005, p. 67). Os seios eram comparados a de uma adolescente, mas eram naturais como comenta uma pessoa que está na plateia assistindo o seu show ““– E os seios, reparou? Dizem que faz tratamento com hormônios femininos para crescer os seios...” (Rios, 2005, p. 76).

Desse modo, Quinalha (2021) afirma que na virada dos anos 1970 para início dos anos 1980 acontece a passagem do tempo das perucas para o tempo dos hormônios. Logo, as travestis que antes

fazia uso de acessórios de temporários na construção dos corpos femininos, usando enchimentos nos seios e bumbum, agora detém um corpo o mais natural possível como demandava o padrão cisheteronormativo e surge os serviços das “bombadeiras” como relatado por Kulick (2008), para os retoques corporais iniciava-se com a compra dos produtos para aplicação:

Seringas, agulhas de dois tamanhos (pequenas para anestesia, grande para o silicone) um ou dois frascos de xilocaína (...), álcool e papel higiênico (...) meia-calça (...) para impedir que o silicone atinja o coração, ou bandagens e tecido, caso a aplicação seja no peito, para evitar a formação de peito de pombo, um frasco de cola-tudo para fechar os orifícios. (Kulick, 2008, p. 95-96)

Por conta das aplicações clandestinas, muitas travestis com passar o tempo tinha órgãos vitais atingidos pelo deslocamento do silicone líquido e ocasionava em sua morte precocemente. Dessa forma, segundo Kulick (2008) as travestis mais velhas eram responsáveis por encorajar as mais novas a modificarem seus corpos para tornarem-se mais atraentes aos homens e logo adotarem nomes femininos, mudar corte de cabelo e vestimentas. Nesse sentido, tinha João Nery que rejeitava de todo modo possuir seios, onde ele relata: “Meu recurso rudimentar era esmurrar os seios, até onde conseguisse suportar a dor. (...)Minha intenção era empurrá-los para dentro. (...) Essas autossurras só terminaram quando desconfiei de que não só continuavam crescendo (...). (Nery, 2011, p. 48).

Os seios para ele eram como intrusos e ele procurou uma solução como ele relata “Finalmente comprei uma faixa de gaze larga, daquela que se usa para entorse, e enrolei meu tórax. Ficou tão apertado que mal podia respirar. Prendi-a com esparadrapos. Não podia fazer movimentos bruscos” (Nery, 2011, 77). Mas seu maior desejo era a cirurgia para retirar as mamas indesejadas quando “aos 16 e aos 18 anos fiz dois procedimentos de redução mamária (...) Na primeira (...) diminuiu um pouco o tamanho. Na segunda, tomei coragem e pedi que tirasse tudo. (...) Diante da lei, essa cirurgia era considerada lesão corporal grave” (Moira; Rocha; Brant; Nery, 2017, p. 76) Todos aqueles que participaram dos procedimentos cirúrgicos de João Nery estavam desafiando a lei e enfrentando sérios perigos, pois estavam operando dentro de um regime militar.

Genitália versus Monstruação

Em 1970 ainda não era desenvolvido as tecnologias de gêneros específico para o público transmasculino, como o surgimento do Packer, Binder e Pump, o primeiro é uma prótese peniana que facilita urinar em pé, penetrar, e cria a ideia de volume na parte íntima, o segundo é uma faixa que comprime o volume mamário e o terceiro é um tubo de sucção utilizado para aumentar o comprimento

do clitóris que proporciona sensibilidade, excitação sexual, e possui o formato de um “micro pênis”. Logo, Nery não teve acesso em sua época a essas tecnologias, mesmo assim ele fez um experimento “Uma vez, experimentei colocar dentro das calças um objeto cilíndrico, para sentir a prazerosa sensação de ter um pênis grande. Deleitei-me por uns instantes, até pressentir que, se não o tirasse imediatamente, iria cair numa profunda depressão, por saber que aquilo era um objeto artificial (Nery, 2011, p. 49).

A falta de um pênis em seu corpo o afetava profundamente, pois, possui um falo significa ser um homem de verdade, como ele relata “Sabia não possuir um pinto como o dos outros meninos da minha idade. Mas alimentava a esperança de que algo no meu corpo ainda crescesse. Deitava na cama e ficava puxando o meu “pinto”, para ver se aumentava” (Nery, 2011, p. 30). Puxar o clitóris era uma tentativa de transformá-lo em um pênis que ele tanto desejara e tinha esperanças que surgisse um certo dia ao amanhecer, havia uma inquietação como afirma Eduardo Maranhão:

Os transhomens vivenciam uma “masculinidade inquietante”. Terão que estar sempre de prontidão, porque não há na cultura brasileira espaço para respeitá-los ou entendê-los como homens sem pênis, com seios e com vagina. De início, a maioria se reconhece como lésbica masculinizada (por falta de informações, apoio ou para não assustar demais os pais. (Maranhão, 2014, p. 1)

O trecho destaca o quão complexa é a realidade enfrentada pelos homens trans, onde a sociedade muitas vezes não reconhece ou aceita sua identidade de gênero. Eles são confrontados com expectativas rígidas de masculinidade que podem ser alienantes e exigentes. A descrição da “masculinidade inquietante” destaca a tensão e a pressão eles sofrem para se enquadrarem em padrões tradicionais de masculinidade. Além disso, a ideia de se reconhecerem inicialmente como “lésbicas masculinizadas” demonstra os desafios no processo de autodescoberta e aceitação da identidade de gênero, muitas vezes acompanhada pela falta de compreensão da sociedade atual que é cisheteronormativa.

Para além disso, acompanhada da frustração de não possuir um pênis, havia ainda o tormento da “monstruação” com ele chamava a o período menstrual relatando que “usava igualmente métodos violentos. Ignorava as eventuais cólicas. Bastava surgirem para ir fazer ginástica ou saltar. Era como provar a mim mesmo que podia ser mais forte do que o que acontecia comigo. Um desafio”. (Nery, 2011, p. 48-49). Sua válvula de escape para ignorar a menstruação era praticar o esporte que o deixava mais forte e com um aspecto masculino o que conseqüentemente o tornara atleta. Seu corpo dava sinais de seis em seis meses “A monstruação vinha de seis em seis meses. Essa demora me deixava eufórico, porque achava que meu psiquismo estava conseguindo bagunçá-la”. (Nery, 2011, p. 49).

Em uma pesquisa realizada com 41 homens trans se observou que “A terapia de afirmação de gênero com testosterona não resulta em cessação permanente da menstruação para muitos homens transexuais. (...) 80% deles tiveram retorno da menstruação em seis meses após a descontinuação da testosterona”. (Silva; Puccia; Barros, 2024, p. 10)

Nesse contexto, Ana Maria é questionada pelo personagem Dr. Barbosa que também foi um de seus amantes, o porquê de ela não fazer um transplante “Dr. Barbosa: - Consiga um especialista para tais transplantes, como uma troca entre você e uma de suas coleguinhas” (Rios, 2005, p. 131). E prontamente ela responde em seguida: “Ana Maria: - Seria mutilação! A menos que um transplante perfeito pudesse me transformar sexualmente! Então, seria idiotice!” (Rios, 2005, p. 131, grifo nosso).

Desse modo, Kulick (2008, p. 101) traz em sua obra etnográfica que “Os transexuais são chamados de bichas operadas ou bichas castradas. Algumas travestis dizem ainda bichas mutiladas.” Elas relatam a ele que após a cirurgia de redesignação de gênero elas perdem o prazer sexual, passando a ser somente uma “bicha mutilada” “Essa perspectiva aterroriza as travestis. Quando debati o tema da operação de mudança de sexo com Banana, ela repudiou a ideia. “Tiro meu pênis e fico inutilizada? Sem poder gozar? Vou me tornar uma pessoa “neutra”? Não. (...) "vou ficar castrada. Não.” (Kulick, 2008, p. 101).

Montagem

Para “passar por” é preciso investir na construção corporal externa visando ficar o mais parecido possível com o gênero que se pretende ser. Com isso, no caso do João Nery o desejo era usar roupas masculinas, porém, enquanto criança sua mãe forçava a usar roupas femininas “Mamãe, faz só shorts e um pijama. Não gosto de vestido! Não adiantava. Estava decidido, e o pano, já comprado. Não queria nem me olhar no espelho. Só o usava quando forçado, depois de brigas e discussões” (Nery, 2011, p. 30).

A escolha da roupa era decidida pela mãe e isso era um tormento, ele exigia roupas do sexo masculino todas as vezes, mas não tinha negociação. Já no caso de Ana Maria, ela tinha muitas roupas que acabam por complementar sua aparência feminina “os guarda-roupas atufados de belíssimos trajes, que deveriam custar uma fortuna, assim como as joias, adereços de ouro e brilhantes que encontrou displicentemente guardados numa gaveta de um móvel repleto de perfumes das mais caras e famosas marcas, comprovavam o padrão de vida que levava Ana Maria. (Rios, 2005, p. 21).

Ela era um artista da noite e tinha muitos trajes para as apresentações e como era atração principal, obviamente seu cachê era alto o que justificava tantos adereços caros. Para além disso, Benedetti (2005) o ato de se caracterizar do gênero oposto é chamado de “montação” ou “montagem”, que nada mais é do que o processo de se vestir com roupas do gênero diferente daquele de nascimento, sendo uma maneira suficientemente de convencer de suas qualidades femininas.

CID-9

Durante toda a obra cassandriana, tem-se a figura do repórter através do personagem Grandão que de todo modo tenta negativa a imagem de Ana Maria tecendo comentários homofóbico “Ana Maria era um homem que se fazia passar por mulher. Para ganhar a vida. Porque era um anormal. Um pederasta... uma bicha... Entendeu?” (Rios, 2005, p. 39). Grandão se refere a ela sempre como se ela tivesse uma doença, em tal época de fato, a sociedade os via como pessoas com problemas psicológicos. Dessa forma, em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) e, em 1992, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retiraram a homossexualidade da categoria dos transtornos mentais. Dessa forma, Quinalha (2021) frisa a participação do Grupo Gay da Bahia desde 1981, que lutou através de um abaixo-assinado com milhares de assinaturas em todo o Brasil, para que o Conselho Federal de Medicina revogasse a inclusão do código 302.0 na Classificação Internacional de Doenças (CID) da OMS, que havia sido adotada pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) no Brasil, obtendo sucesso e o sufixo “ismo” que caracterizava patologia ficou para atrás.

Nesse sentido, até hoje a homossexualidade é considerada uma condenação moral, doentia e criminosa, e todos os dias lésbicas, gays, travestis, entre outros da comunidade LGBT, sofrem discriminação e rejeição. E a irmão de Ana Maria pensa a mesma coisa que o repórter e relata “creio que sofreu algum distúrbio psíquico; quis ajudá-lo. Levei-o a médicos, mas de nada adiantou...” (Rios, 2005, p. 93). Esse posicionamento evidencia que Magda tinha certeza de que Ana Maria sofria de alguma doença psíquica. Por essa razão, vale lembrar que, em 1965, a homossexualidade era chamada de homossexualismo e vista como uma patologia

Nesse mesmo contexto, João Nery passa pela mesma situação “aos 9 anos, minha mãe, assustada com o meu comportamento, levou-me a uma psicóloga. (...) Só aos 19 anos lembrei-me desse fato, e mamãe me esclareceu. “Comportava-me como um menino, e ela gostaria de saber o porquê da minha conduta e como deveria agir comigo.” (Nery, 2011, p. 43-44). Como se pode notar,

a mãe de Nery desconfiava que o filho (na época filha, pois atendia ainda como Joana) tinha algum problema e buscou ajuda para melhor lidar com a situação, mas não deixa de ser observado que a mãe já desconfiava da sua sexualidade e como havia o discurso que isso era algo patológico, ela busca orientação médica.

Preconceito

Em ambas as narrativas o preconceito é algo muito presente o que aumenta a dor desses sujeitos em assumir sua verdadeira identidade, Nery relata um acontecimento que o envergonhou na companhia de sua mãe na rua “alguém gritou: “Maria-homem! Maria- homem!” (...). A voz não saía. Um misto de vergonha e tristeza me invadiu por fazer mamãe assistir àquele vexame. (...). Mas bastava um garoto me ver nas redondezas, que novamente começava a ribombar nos meus ouvidos: “Maria-homem! Maria-homem!” (Nery, 2011, p. 32).

O bullying sofrido por ele ainda na infância por conta dos seus trejeitos andróginos que demarcava em sua personalidade os traços masculinos era algo que ele tentava esconder para evitar esse tipo de violência verbal nas ruas.

Na obra *Travesti*, Ana Maria tem sua vida ceifada por um crime transfóbico, fora assassinada pelo leiteiro com ele mesmo relata o momento do crime “fiquei fora de mim e puxei ela. (...) No meio da perna senti aquilo. Ela gritava, e eu peguei. Vi; Vi e não acreditei. Então, não sei como, passei a mão na garrafa de leite (...) e assentei com ela na cabeça dele. (...) levantei a saia do vestido e espiei. Era mesmo um homem disfarçado” (RIOS, 2005, p. 171). Logo após o crime ele a abandona em um rio e ela é encontrada boiando e assim fica evidenciado como era tratado a comunidade gay no período da ditadura civil-militar ela “Apanhavam se ousavam sair às ruas. Eram presos por atentando ao pudor. Viviam espantados e medrosos. Historicamente, o travesti se impôs pela violência” (Silva, 2012, p. 41).

Contudo, segundo os dados divulgado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em 2018, o Brasil segue sendo o 8º país com o maior índice de suicídio no mundo (segundo a Organização Mundial de Saúde), a maioria dos casos ocorrem entre jovens de 15 a 29 anos (...). Trans já tentou suicídio. entre os anos de 2017 a 2022 foram 912 assassinatos de pessoas trans e não binárias brasileiras. Só em 2022, foram 131 assassinatos de pessoas trans, sendo 130 travestis e mulheres transexuais e 1 homem trans/pessoa transmasculina.

No Estado do Pará e Maranhão, em 2022, foram 4 assassinatos e o Estado de São Paulo está entre os que mais matam travestis e transexuais com 116 caso entre 2017 e 2022. Sobre a idade dessas vítimas do ano de 2022, 89% delas tinham entre 15 e 39 anos. Dos Estados que mais assassinaram pessoas trans (2017-2023) o Pará está em 8º lugar (ANTRA, 2018, n.p)

Família

A aceitação familiar acontece muito tardiamente, pois ao assumirem suas sexualidades, rapidamente são expulsas de casas e a rua vira o lar desses sujeitos e como alternativa para sobreviverem encontram na prostituição uma fonte de renda, no caso de Nery “Mamãe continuava me escrevendo, preocupada com o que aconteceria daqui para a frente, e torcia para eu ser feliz. Nas cartas que lhe mandava, passei a me tratar no masculino e a assinar “João”. Com esforço, fazia o mesmo, embora vez por outra aparecesse uma “minha filha” (Nery, 2011, p. 190). Chamá-lo de “filha” fica caracterizado uma dificuldade de não aceitação do filho transmasculino

Já na família de Ana Maria, Magda se relacionava com a irmão também através de cartas mesmo morando na mesma cidade, por conta da rejeição e vergonha de ter um irmão “pederasta” como os gays eram taxados em tal época. Magda fala: “Não podia aceitar aquilo. Li muito a respeito. Na família dos outros é fácil entender, mas, quando se trata do próprio irmão... bem... a coisa muda de figura... é difícil aceitar... Por isso, fingia ignorar o que ele era e o que fazia” (Rios, 2005, p. 93). Ella não aceitava só se referia a ele no masculino, ou seja, Sergus Wallereststein. Marilac que também é travesti relata que passou pela mesma situação “Fui rejeitada pela minha família — a não ser que minha conta bancária dissesse o contrário” (Marilac, 2018, p. 20). Mas nesse caso, seu dinheiro comprava o afeto da família e também o respeito. Sobre isso, Dom Kulick traz o relato da travesti Tina:

Tina rompeu os laços com a família depois de receber a carta da mãe. Mas muitas travestis reagem à rejeição da família tentando comprar de volta o afeto e o apoio emocional perdidos. É muito comum as travestis enviarem dinheiro e presentes a seus parentes (o que significa, na prática, sua mãe), sempre que possível. Aquelas que se correspondem com os familiares aguardam para enviar a carta em uma ocasião em que possam mandar junto algum dinheiro e presentes. (kulick, 2008, p. 193)

Quando travestis são expulsas de suas casas ainda muito jovens, isso resulta na ruptura de laços familiares cruciais. Para muitas delas, a única maneira de recuperar algum tipo de conexão com suas famílias é oferecendo algo em troca, muitas vezes na forma de dinheiro que conseguem, frequentemente, através da prostituição. Esse ciclo é profundamente complexo e doloroso, pois

implica em uma tentativa desesperada de buscar aceitação e amor. Essas travestis frequentemente recorrem a presentes e gestos materiais na esperança de serem reconectadas com suas famílias e recuperarem o calor do lar que perderam tão precocemente.

Considerações finais

A análise dos lugares de memória gay na paisagem latino-americana demonstra um confronto entre as duas narrativas: a memória oficial, imposta pelo Estado durante os períodos ditatoriais civil-militar nos determinados países e a memória subterrânea, que emerge das experiências reais e muitas vezes dolorosas vividas pela comunidade LGBTQIAP+ que durante esse período sombrio sofreram um intenso apagamento de suas memórias, o Estado tinha uma urgência em eliminar qualquer forma de resistência desses sujeitos. Os ditadores, sob o pretexto da defesa da moral e dos bons costumes, vitimizaram e marginalizaram brutalmente gays, lésbicas, sobretudo as travestis, colocando-os à margem da sociedade e negando-lhes seus direitos mais básicos.

Destarte, a repressão sistemática resultou na concepção de uma memória oficial que retratava os gays como doentes, anormais e perigosos para a sociedade. No entanto, por baixo dessa narrativa hegemônica, floresceu uma memória subterrânea, em que Pollak (1989) também classifica de memórias clandestinas ou proibidas, uma verdadeira história de sofrimento e resistência que os censores tentaram a todo custo silenciar. E como aliada, havia a imprensa marrom que desempenhou um papel crucial na perpetuação do estigma e da marginalização, enquanto a imprensa gay emergiu como uma voz de contra narrativa, buscando desconstruir os estereótipos sensacionalistas e buscou dar visibilidade à comunidade LGBTQIAP+.

Além disso, grupos ativistas como o SOMOS no Brasil, o Movimento de Libertação Homossexual na Colômbia, e o Frente Homossexual de Ação Revolucionária no México, entre outros, emergiram como importantes agentes de resistência em meio à opressão esse faz necessário destacar os indivíduos que lutaram como heróis nesse cenário sombrio, como Manuel Puig, Pedro Lemebel, Leon Zuleta e João Silvério Trevisan, cujas vidas e lutas contribuíram para a construção de uma memória coletiva da comunidade LGBTQIAP+ na América Latina. No que diz respeito a trajetória de construção identitária perpassada por dores e autoaceitação dos corpos transgêneros revelou-se uma jornada dolorosa. Ao analisarmos as narrativas de João Nery, o primeiro homem trans do Brasil, e de Ana Maria, uma travesti ficcional criada por Cassandra Rios, podemos vislumbrar a

complexidade dessas experiências em um contexto histórico de repressão e violência contra corpos dissidentes.

A busca pela passabilidade, como evidenciada nas narrativas, revela não apenas uma tentativa de se encaixar nos padrões sociais de gênero, mas também em um padrão cisheteronormativo. Tanto João quanto Ana Maria buscaram serem reconhecidos e aceitos como suas verdadeiras identidades de gênero, adaptando seus comportamentos, gestos e até mesmo seus corpos para se alinharem com as expectativas exigidas pela própria sociedade. Nessa adequação da mente e corpo, percebemos a questão dos seios que exemplifica essa luta de maneiras diferentes: enquanto Ana Maria busca a feminilidade desejada através de hormônios e procedimentos físicos, João Nery rejeita seus seios como intrusos em sua identidade masculina, buscando cirurgias arriscadas para removê-los. Essa dicotomia nos mostra a diversidade de experiências dentro da comunidade trans e as diferentes formas de lidar com as expectativas de gênero impostas.

Para além disso, a ausência de tecnologias adequadas para corpos transmasculinos, como destacado no caso de João Nery, evidencia as limitações enfrentadas por aqueles que não se enquadram nos padrões binários de gênero, pois, além das barreiras físicas, os corpos trans também enfrentam o estigma e a patologização por parte da sociedade, como evidenciado pelos comentários homofóbicos e transfóbicos presentes nas narrativas. A luta contra o preconceito e a violência é uma realidade constante, com consequências devastadoras que incluem bullying, assassinato e até mesmo suicídio.

A aceitação familiar, embora tardia e muitas vezes condicionada, desempenha um papel crucial na jornada de autodescoberta e empoderamento dos corpos trans. Tanto João quanto Ana Maria enfrentam a rejeição e a incompreensão de seus entes queridos, o que os leva a buscar apoio e afirmação em outros lugares, muitas vezes recorrendo à prostituição como uma forma de sobrevivência econômica e emocional. Por fim, as narrativas de João Nery e Ana Maria destacam as experiências únicas e multifacetadas de uma comunidade frequentemente marginalizada e invisibilizada.

Referências

ADORNO, Theodor. O que significa elaborar o passado. In: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA, Fábio José Rodrigues da. Ensino/aprendizagem das Artes Visuais na América Latina: colonialidade cultural e emocional aliada a questões LGBT. **Revista Gearte**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, pp. 197-246, mai./ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.92908>. Acesso em: 01 junho 2021.

FIGARI, C. (2010). El movimiento LGBT en América Latina: Institucionalizaciones oblicuas. In MASSETTI, A., et al., **Movilizaciones, protestas e identidades políticas en la Argentina del bicentenario** (pp. 225-240). Buenos Aires: Nueva Trilce.

GREEN, James. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu** (15), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000, pp.86-102.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

KULICK, Dom. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. (Org.). **Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço**. São Paulo:Fonte Editorial, 2013b.

MARILAC, Luísa. **Eu, travesti**: memórias de Luísa Marilac. Rio de Janeiro: Record, 2018.

NERY, João Wanderley. **Viagem Solitária**: memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: LeYa Brasil; 2011.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contra-sexual**. **Barcelona**: Opera Prima, 2002. Publicado primeiramente em francês: Beatriz Preciado. **Manifesto contra-sexual**. Paris: Editions Balland, 2007

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes**: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT. São Paulo: Cia das Letras, 2021.

RIOS, Cassandra. **Uma mulher diferente**. São Paulo: Braziliense, 2005. (reedição)

SILVA, Gislaine Correia; PUCCIA, Maria Inês Rosselli; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. Homens transexuais e gestação: uma revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 1-12, 20 abr. 2024.

Recebido em: 11/08/2024

Aprovado em: 16/11/2024

Como citar este artigo

LUCENA, Saulo da Silva. Trajetórias da identidade: um exame das memórias e reflexões em João Nery e “Uma mulher diferente” de Cassandra Rios. **Revista Narrares** – V.2, N.2, Jul-Dez, 2024, pp. 89-108.